

HISTÓRIA E CULTURAS

“A HISTÓRIA ESTÁ AÍ”, OU NÃO!

USOS DO PASSADO NAS REDES SOCIAIS E AS DITADURAS MILITARES DO BRASIL E ARGENTINA NO FACEBOOK¹

Sônia Meneses²

19

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19141094>

Resumo:

O artigo trata da repercussão de matérias sobre as ditaduras militares nas redes sociodigitais, especificamente o Facebook, a partir das páginas de jornais com grande número de seguidores, caso do Jornal Folha de São Paulo no Brasil e La Nacion da Argentina. Realiza um levantamento quantitativo de postagens sobre o tema nos anos de 2010 a 2021. A partir de tais dados, adentra na análise de alguns comentários de leitores a fim de compreender linhas argumentativas sobre os episódios que circulam nesses espaços, investiga ainda diferenças e semelhanças entre os dois países e procura apontar algumas conclusões sobre os processos de apropriação do passado no meio digital.

Palavras-chave: Ditadura. Brasil. Argentina. Leitores. Facebook.

Abstract:

The article explore the repercussion of articles about military dictatorships in socio-digital networks, specifically Facebook, from the pages of newspapers with a large number of followers, such as Jornal Folha de São Paulo in Brazil and La Nacion in Argentina. It carries out a quantitative survey of posts on the subject in the years 2010 to 2021. From such data, it enters the analysis of some readers' comments in order to understand lines of argument about the episodes that circulate in these spaces, investigates differences and similarities between the two countries and seeks to point out some conclusions about the processes of appropriation of the past in the digital environment.

Keywords: Dictatorship. Brazil. Argentina. Readers. Facebook.

A história tá ai (sic) e não pode ser recontada. Passei minha infância e adolescência sendo bombardeado de informações pró-socialismo e comunismo. Teorias brilhantes eram passadas pra nós. Tudo bonitinho, um verdadeiro conto de fadas. O capitalismo? Era o satanás em forma de regime! EUA? Nossa! Inimigo do mundo! A verdade é que assim como os regimes marxistas adotados na pratica (sic), a história contada pra nós é distorcida, sim! No mínimo parcial e unilateral, sendo bem ingênuo. A Balela da esquerda eu cresci ouvindo e cheguei até acreditar nessa fábula. Até saber que meus professores de história da época em sua maioria eram filiados a partidos de esquerda. São historiadores porra nenhuma. Historiador é pesquisador. São idiotas uteis. (Comentário sobre a matéria Livro reconstitui golpe militar de 1964 em forma de história em quadrinhos – Folha de São Paulo em 24/11/2014. Facebook Folha 24/11/2014)

¹ As questões investigadas nesse artigo fazem parte da pesquisa do projeto de Produtividade desenvolvido pela autora e financiado pelo CNPQ.

² Profa. Dra. Universidade Regional do Cariri-URCA. E-mail de contato: sonia.meneses@urca.br

HISTÓRIA E CULTURAS

A fala do internauta foi postada em novembro de 2014, na página do Jornal Folha de São Paulo, no Facebook, sobre uma matéria a respeito da publicação de um livro de história, em formato de quadrinho, abordando a Ditadura Militar. O comentário reúne alguns dos principais argumentos acerca da história, e de seus profissionais, presentes em falas dispersas, tanto na Web, como nas ruas do país comuns, a partir da década de 2010, quando os ataques a historiadores/as e professores/as e aos conteúdos acadêmicos e escolares sobre a história ganharam a cena pública brasileira.

Nesse sentido, há algumas linhas recorrentes nos discursos que povoam tais argumentos: a existência de um possível projeto comunista em curso no Brasil, especialmente amparado no ensino de história; a crença de que a história tem uma verdade que vem sendo deturpada durante décadas pelos historiadores e, embora não esteja diretamente dito na fala, a negação de que houve Ditadura no país, ou que, se ela ocorreu foi para nos salvar de uma possível revolução bolchevique, portanto, claramente justificada.

Como ingrediente sub-reptício, percebe-se um forte conteúdo de cunho conservador que instaura uma dicotomia entre nós e eles, comunismo x capitalismo, historiadores e não historiadores. Tais elementos, constroem uma unidade de ação política bastante recorrente na maioria dessas postagens e, como nos chama atenção Koselleck, são visões que “se delimitam, excluindo outras, de modo a determinar a si mesmas” (2000, 192).

Entender como as pessoas comuns se apropriam dos conteúdos em jornais e redes sociais pode nos ajudar a entender a emergência de discursos e práticas conservadoras na construção não apenas no pensamento brasileiro, mas em outros países latino-americanos que passaram por acontecimentos traumáticos e conflitantes como as ditaduras militares. A atuação do nosso internauta, nos demonstra ainda que o alcance das matérias de jornais há muitos transpôs as fronteiras territoriais especialmente quando a circulação de informação atingiu uma possibilidade ilimitada de produtos e sujeitos de produção através do universo digital.

O tratamento sobre os eventos realizado pela mídia não é algo novo se considerarmos o papel da imprensa principalmente a partir do século XIX, mas sua atuação nesse começo do século XXI nos colocou diante de uma nova situação: as demandas sobre a memória,

HISTÓRIA E CULTURAS

esquecimento e história nas páginas dos grandes jornais, e principalmente, através da divulgação na Internet e mídias sociais, passaram a ser tão representativas como a própria produção de notícias.

Nessa investigação, tomo como exemplo dois importantes jornais latino-americanos: La Nación, da Argentina e Folha de São Paulo, do Brasil, para pensar as ações dos leitores sobre matérias que abordam as ditaduras militares em ambos os países, mas pensados especificamente em suas apropriações nas redes sociais, no caso o Facebook. Os dois jornais mantêm formatos ativos, tanto impresso, como em sites oficiais e, em redes sociais.

O trabalho com eles se justifica por alguns elementos importantes: em primeiro lugar, são jornais de uma grande longevidade em seus países, assim, conseguiram estabelecer uma extensa linha de produção da informação passando por vários períodos da própria história nacional. Em segundo, suas páginas mobilizam uma grande quantidade de intervenção de internautas e debates acalorados, seja em seus sites próprios, mas sobretudo em páginas em redes sociais. A título de exemplo, a página da Folha de S. Paulo no Facebook tem mais de 5 milhões e 400 mil seguidores, já o jornal La Nación conta com mais de 5 milhões e 300 mil seguidores.

O jornal Folha de São Paulo foi fundado em 1921 e sua história se confunde com a constituição do próprio grupo entre os principais sistemas de comunicação no país, do qual pode-se identificar três fases marcantes: a primeira inaugurada no ano de sua fundação, em 1921, pelos Jornalistas Olival Costa e Pedro Cunha, aparecendo como Folha da Noite. Posteriormente, o jornal passou a circular em três edições diárias: Folha da Noite, Folha da Tarde e Folha da Manhã. Vendido em 1931, para o cafeicultor Octaviano Alves Lima, passa a se chamar Folha da Manhã, e, nesse momento “prioriza a defesa dos interesses da lavoura, defende o liberalismo e se opõe ao Estado Novo”. Ele mantém, nesse período, fortes vínculos com as oligarquias agrárias paulistas, mas já nessa época ocorre um aumento significativo em sua circulação que passa de 15 mil para 80 mil exemplares vendidos.

No entanto, vai ser sob a administração de José Nabantino a partir de 1945, que o jornal ganha ares de empresa; é construído um pequeno parque gráfico para sua impressão, que até essa época era conhecido como “As Folhas”. A segunda fase, a partir de 1962, quando o Jornal

HISTÓRIA E CULTURAS

é adquirido pelo grupo empresarial Frias-Caldeira, é marcada pela unificação dos três jornais em um único periódico: a Folha de São Paulo, a partir daí o jornal se assumir definitivamente como uma empresa.

A terceira fase ocorre nos anos de 1980 aos dias de hoje, diversas mudanças transformaram o que inicialmente era um jornal em um grupo de mídia. A Folha se torna o principal jornal do país em termos de venda de exemplares, ampliando espetacularmente sua atuação com a incorporação de seus conteúdos em jornais em vários estados, além da diversificação da oferta de novos produtos culturais como livros, internet, criação de uma editora, a Publifolha, um instituto de pesquisas, o Datafolha, além de um provedor de Internet, o Universo On-line tem grande acesso no país.

Já o Jornal La Nación é um dos mais antigos ainda em circulação da América Latina, ficando atrás apenas do também argentino, Clarín. Fundado em janeiro de 1870 é de orientação historicamente conservadora aliado a grupos da Igreja Católica e a militares. Destaca-se ainda seus laços com setores agropecuaristas da Argentina. Fundado pelo então presidente argentino Bartolomé Mitre, o jornal sempre se colocou como defensor do mercado e segue o modelo de muitos jornais e empresas de mídia da América Latina fundadas entre fins do XIX, e início do XX, que pertenciam e ainda pertencem a grupos familiares. Mesmo hoje membros da família ocupam postos chaves na gestão do periódico. Segundo levantamento do Monitoreo de la Propiedad de los Medios, ainda em 2018, a família Saguier juntamente com os Mitre continuam no controle acionário da empresa:

Julio y Alejandro Saguier son presidente y vicepresidente del directorio de SA La Nación. Ingresaron en los años '90 con la compra de una gran cantidad de acciones a la familia Mitre. Su madre, Matilde Noble Mitre de Saguier, también es accionista y directiva de la empresa y es sobrina de Roberto Noble, fundador del diario Clarín. También tienen participación sus otros hijos en el directorio: Luis María Julio Saguier y Fernan Luis Saguier. (MOM-Argentina, 2018)

La Nación teve um papel ativo nos processos de ruptura da democracia Argentina desde os anos 30 no golpe contra Hipólito Yrigoyen, assim como, nos golpes subsequentes de 1943, 1962, 1966 e por último, em 1976, nosso objeto de investigação. Segundo Vitale (2015) o jornal era um dos representantes da chamada direita conservadora liberal, que colocava em ação para justificativa do apoio uma “memória retórico-argumentativa” de caráter liberal que preconizava que os próprios governos democráticos tinham responsabilidade sobre a implantação de governos militares. Desta maneira, chama atenção para o fato de que:

HISTÓRIA E CULTURAS

En los discursos golpistas que circularon en la prensa escrita argentina, incidieron dos memorias retórico argumentales, cuyos discursos fundadores emergieron ante el derrocamiento de Hipólito Yrigoyen, el 6 de septiembre de 1930. Denominé a una *memoria retórico argumental golpista liberal*, pues basó su apoyo a los sucesivos golpes de Estado en una tónica que afirma que los gobiernos civiles no respetaron la democracia, las instituciones ni la Constitución y que las fuerzas armadas (...) (Vitale, 2015, 2)

23

Como a predominância da internet como rede de compartilhamento de informações os grandes jornais tiveram que se adaptar e estabelecer plataforma interativas para atingir e atrair novos leitores. Há nesse processo um deslocamento da sociedade de informação para uma sociedade em redes, naquilo que Castells designa como uma “reestruturação do capitalismo” (Castells, 2018).

Constata-se desse modo um deslocamento das instituições familiares ou tradicionais impostas em direção às redes relacionais e organizações em projeto mais selecionados e menos hierarquizados, mas também menos duráveis e mais precários para o indivíduo. Esse último se apresenta como autoempreendedor (Loveluck, 2018, p. 80)

Por outro lado, se os grandes conglomerados de mídia foram forçados a realizar mudanças a fim de permanecerem relevantes nesse novo mercado de produção e distribuição da informação, houve a emergência de novos gigantes no controle dessa comunicação em rede, é o caso das grandes empresas nativas do universo digital que inauguraram novas formas de gerenciamento, controle de dados e distribuição da informação que agora tem por base a racionalidade algorítmica como uma poderosa ferramenta ação.

São exemplos de tais práticas empresas como Google e Facebook (transformada recente em Meta). Como nos chama atenção Loveluck, “a implementação de sites e plataforma destinadas a coletar e promover o compartilhamento de conteúdos pelos internautas – opiniões, comentários, dicas, mas também imagens, vídeos, etc. se tornou um dos aspectos mais visíveis dessa economia da internet. (Loveluck, 2018, p. 223). A título de exemplo, vejamos os gráficos abaixo sobre o crescimento do Facebook em uma década entre 2010 a 2019.

HISTÓRIA E CULTURAS



GRÁFICO 01 - Fonte: <https://vincos.it/world-map-of-social-networks/> acesso em 24/07/2019

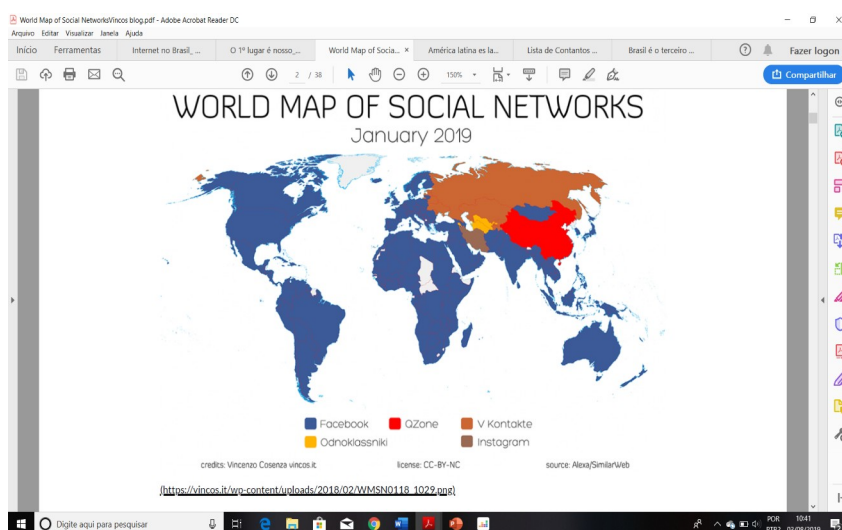


GRÁFICO 02 - Fonte: <https://vincos.it/world-map-of-social-networks/> acesso em 24/07/2019

Nas últimas décadas temos assistido grandes discussões sobre a sobrevivência dos jornais impressos após o processo de popularização do acesso à informação através da Internet. Mas não foram apenas os jornais impressos que viram seus números de leitores drasticamente reduzidos, a própria produção de notícias pelos veículos tradicionais sofreu quedas consideráveis, inclusive sobre a confiança dos consumidores sobre elas. Segundo levantamento de 2022 feito pelo Instituto Reuters para o Estudo do Jornalismo em seu relatório anual de notícias digitais, houve uma queda bastante acentuada na confiança das pessoas em relação a produção dos canais tradicionais de notícias. Por exemplo, no Brasil em 2022 a penetração da Internet foi de 75% entre a população; do acesso sobre as notícias, apenas 48% dizem que confiar nas notícias que leem. Já

HISTÓRIA E CULTURAS

25

a Argentina, o índice de confiança é de 35%. Hoje o acesso às notícias via plataformas online é de 84%, um dos maiores da América Latina. (REUTERS, 2022) No caso do Brasil:

Quase dois terços dos brasileiros (64%) agora recebem suas notícias das redes sociais toda semana usando uma ampla variedade de redes. O próprio Facebook vem perdendo terreno e foi ultrapassado pelo YouTube como a rede social mais popular para o consumo de notícias. Também houve um forte aumento no uso de redes visuais mais recentes, como Instagram (35%) e TikTok (12%) para notícias, enquanto os aplicativos de mensagens WhatsApp (41%) e Telegram (9%) continuam sendo formas importantes de discutir e compartilhar notícias. (Idem, 2022)

Esses números refletem o acesso aos jornais online; jornalismo feito em tempo real que colocou em xeque formas tradicionais de produção da notícia, agora, instantaneamente atualizada no mundo virtual criando assim, uma espécie de “fetiche da velocidade” que se expressa numa mistura de temporalidades que se traduz numa tensão entre o tempo midiático (...) e o tempo político (...)” (Moretsohn, 2002).

Tais aspectos indicam também a interligação entre diversas plataformas que constroem uma complexa rede de conteúdos nos quais passado, presente e futuro misturam-se numa horizontalidade desconcertante, criando uma espécie de síndrome do passado que não passa. Pode-se dizer, que a partir dessa da ideia ininterrupta da produção das notícias através da Internet e sites de notícias 24 horas vivemos um tempo insone da eterna vigília. O teórico Jonathan Crary chama esse momento de tempo 24/07. O aprofundamento do capitalismo na radicalidade de sua efetivação. A privação do sono, do descanso e vigília ininterrupta, deste modo, diz o autor, cria “um mundo desencantado, com sua erradicação da sombra e da obscuridade, e de temporalidades alternativas. É um mundo idêntico a si mesmo, um mundo com o mais raso dos passados (Crary, 2016, p. 29).

Deste modo, se a convergência digital e a conexão ininterrupta são hoje uma realidade e nosso cotidiano, por outro lado, percebe-se que ainda predomina uma alta concentração e controle dos grandes conglomerados de mídias sobre a distribuição de notícias. Embora a ideia de Web 2.0, e agora a 3.0 que inaugura a ideia de metaverso tenha produzido uma revolução na recepção e atuação de leitores e consumidores desses produtos, ainda é muito forte a influência

³“O metaverso, utopia futurista que busca unir os mundos real e virtual, saiu das páginas dos livros de ficção científica e foi parar nas mesas dos investidores e das grandes empresas. O potencial que cerca essa ideia é tão grande que fez até o Facebook trocar seu nome para “Meta” IN. Metaverso: tudo sobre o mundo virtual que está chamando a atenção dos investidores no endereço: <https://www.infomoney.com.br/guias/metaverso/> . acesso em 26/07/2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

desses veículos na condução de produção de sentidos e representações sobre os acontecimentos a exemplo dos episódios políticos aqui tratados.

Na América Latina os grandes grupos de mídia tratados aqui tiveram um papel de protagonistas tanto na efetivação das ditaduras, uma vez que foram apoiadores e trabalharam para legitimá-las, mas também, destacaram-se na produção de sentidos sobre elas nas décadas seguintes

É importante compreendermos o papel desses jornais e grupos de mídias no apoio aos golpes militares na América Latina, porque mesmo quando eles mudam de postura em relação a estes acontecimentos, há uma reverberação discursiva, difícil de ser rompida, que permanece em suas páginas e nas apropriações dos leitores. Não por acaso, há constantes cobranças dos leitores sobre tais posturas, tanto no Brasil como na Argentina, e mais ainda, em alguns momentos esses discursos se voltam contra os próprios periódicos, tornando-se ainda mais conservadores e menos tolerantes quando, por exemplo, os acusam de serem de esquerda por acatarem a denominação de “ditadura” para se referirem a estes acontecimentos.

Em relação ao Brasil, as menções a 1964 se acirram e ganharam mais visibilidade por ocasião da instituição da Comissão da Verdade instaurada em 2012, bem como, pelas reflexões desencadeadas nas efemérides de 50 anos do episódio em 2014. Destaca-se ainda a emergência de vários movimentos de caráter conservador como os assistidos nas manifestações de oposição ao governo petista, entre os anos de 2014 a 2016 e a eleição do político de extrema-direita em 2018, Jair Bolsonaro.

Tais aspectos se aprofundaram quando se efetivou um novo golpe, agora jurídico-midiático-parlamentar, no país. Notadamente, em muitas manifestações a ditadura brasileira foi festejada e continua aparecendo de forma saudosista em discursos que ganharam às ruas. Nestes termos, as memórias e as apropriações desse acontecimento assumiram centralidade para compreensão de nossa sociedade, posto que, o retorno de conceitos como “golpe” e “impeachment” à cena pública brasileira nos demonstrou como esse tema ainda desencadeia uma grande demanda de sentidos em nossos dias.

Assim como no Brasil, na Argentina, o último golpe militar efetivado em 24 de março de 1976 se tornou um dos principais temas da agenda política e midiática das últimas décadas. A

HISTÓRIA E CULTURAS

intensificação dos debates se ampliou especialmente nos anos 90 com o aparecimento de novos problemas e informações, bem como, a luta por justiça, memória e reparações reivindicadas por familiares das vítimas. Além disso, ressaltam-se as denúncias de arbitrariedades, busca por desaparecidos políticos, confissão de torturadores e chefes do exército argentino que fizeram com que as discussões sobre a memória do período assumissem o centro dos debates e ganhassem uma grande repercussão nos meios de comunicação.

Na Argentina ficou claro que os conflitos sobre os enquadramentos de memória, passariam por delicados confrontos a exemplo das discussões sobre a violência perpetrada pelas ações de alguns grupos de esquerdas no país e a divisão do país entre peronistas e não peronistas. Na América Latina, a Argentina foi um dos países pioneiros nas discussões sobre as memórias do período, ao contrário do Brasil onde os processos de apropriação e construção de sentidos somente se consolidaram mais tardiamente embalados principalmente pela divulgação de produtos culturais tratando do tema. Em ambos os países, a pandemia de COVID-19, pareceu aguçar a polarização política a níveis extremamente complexos, não por acaso em 2020, Alberto Fernandes cogitou sugerir a implantação de leis a fim de punir e criminalizar as negações da Ditadura Militar naquele país, a exemplo do que ocorre na França sobre o negacionismo do Holocausto, conforme matéria do periódico La Nacion:

"El Presidente se comprometió a elaborar una ley similar a la que existe en Francia contra el negacionismo", dijo a la agencia Télam Sophie Thonon, abogada de las víctimas francesas de la última dictadura militar y quien representó al Estado en el proceso de extradición del ex policía Mario Sandoval, acusado de crímenes de lesa humanidad en centenares de casos. El reclamo fue planteado por los organismos de derechos humanos en la reunión que mantuvieron con el mandatario, en el marco de su gira por Europa queculmina hoy. (La Nacion, 06/02/2020)

Importante destacar que tanto no Brasil como na Argentina, o tema das Ditaduras Militares tem uma presença marcantes nas produções dos jornais. Abaixo, apresento o levantamento da produção de matérias sobre o tema entre os anos de 2010 a 2021 e como houve uma constância em suas agendas. O levantamento foi feito somente a partir das matérias postas no Facebook do jornal Folha de São Paulo e La Nacion:

GRAFICO 03 - O Jornal Folha de São Paulo abriu sua página no Facebook desde 2010, entre os anos de 2018 e 2020 deu uma pausa em suas publicações, retornando em 2021. Total de Matérias: 298 – FONTE – a própria autora.

HISTÓRIA E CULTURAS

GRAFICO 04 – Jornal La Nacion - Total de Matérias: 91 – FONTE – a própria autora

28

Percebe-se como o tema cresceu em publicações nos países ao longo da década. Isso demonstra o poder de mobilização e repercussão desencadeados pelos episódios. A análise das matérias, bem como, da atuação dos leitores/internautas sobre elas tem demonstrado que, em ambos os países, se observa o paradoxo entre um “excesso de esquecimento” de um lado e “excesso de memória” de outro. No caso do Brasil, esse dado pode ser problematizado a partir de uma inquietante constatação inicial: do universo de matérias coletada na página do Jornal Folha de São Paulo no Facebook sobre o tema, são raros os comentários nos quais é mencionado o conceito de memória como sentido atribuído ao episódio ou mesmo apropriações mais aprofundadas do mesmo.

A grande maioria dos comentários gira em torno de uma repetição do argumento que defende que o evento foi necessário para barrar uma possível revolução comunista em curso. A partir dele, existem algumas variações: os militares deveriam ter acabado com todos os comunistas, que houve tranquilidade, que não houve corrupção e que não foi ditadura, mas sim uma contrarrevolução. Não conseguimos perceber o avanço da reflexão para além de elementos mais superficiais em torno do episódio com a apropriação de conceito mais abstratos como é a própria ideia de conhecimento histórico ou mesmo memória.

Na maior parte dos comentários, a memória é tomada em seu sentido pragmático não conseguindo estabelecer uma ponte clara entre o passado e o presente, embora alguns apontem para os erros de um país que “esquece” seu passado, Vejamos alguns:

Diz o leitor **R. Victor**:

À memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o terror de comunista. Obrigado aos militares que nos livraram de terroristas que queriam transformar nosso país em uma ditadura (Comentário sobre matéria “Em celebração, Brilhante Ustra é chamado de herói que lutou pela Paz”. FSP 17/10/2016, Facebook Folha de São Paulo - postado em 17 de outubro de 2016)

Na mesma matéria: **A. C. Colen**, comenta:

Um país sem memória é um país condenado a cometer os mesmos velhos e burros atos do passado. (idem)

HISTÓRIA E CULTURAS

A frase do último leitor, repetida em diversos comentários em versões diferentes, também é vista entre os leitores da Argentina e aponta para o velho *topos* da Magistra Vitae, a história deve ensinar algo ao presente, essa seria sua verdadeira função. Já na Argentina, em boa parte dos comentários, a relação com a memória é projetada na dialética entre o lembrar e os esquecer e na luta pela reivindicação de direitos e nas ideias de reparação do passado assim, lembrar o passado configura-se como um elemento fundamental para o presente. Como pauta desse debate, a memória e o esquecimento acabam por convergir para uma busca pela punição de culpados, reivindicação de direitos e reconhecimento.

Naquele país, quando analisamos as matérias sobre o período há um forte debate em torno da memória, exaltando a necessidade de um dever de memória sobre os acontecimentos de sua história recente. Há claros usos do conceito que aparece em profusão nas postagens, especialmente, nas discussões sobre as memórias das vítimas do Estado e das ações dos Montoneros. Assim, há uma recorrente reivindicação por uma memória “total” ou uma “boa memória”, aquela que conseguira apaziguar as divisões, como na fala o leitor Ivan R. Prada, em postagem do La Nacion sobre a matéria "Nunca más a la división entre los argentinos" na qual reclama:

I. R. P. Olivieri: Todí bien con la MEMORIA, pero cuando se hace referencia a la memoria, estan siendo como siempre, muy parciales, solo se acuerdan de una parte de la memoria, olvidandose de la otra parte, de las victimas de la subversion, que tambien eran seres humanos, ciudadanos y victimas de la lucha armada declarada por los grupos guerrilleros dentro del marco del untimo gobierno de Peron (...) Para que se terminen las gruietas, los enfrentamientos, periodistas, politicos, historiadores, deben hacer buena memoria de todos los hechos historicos y recordar y honrrar a todos los miertos, mas sabiendo que las victimas de la subversion solo perdieron sus vidas por pensar distinto a los guerrilleros, que si decidieron tomar las armas y enfrentar las FFAA. yo no olvido y tengo buena memoria y me gustaria que Macri recordara a las otras victimas (Comentário sobre a matéria: En Twitter, Mauricio Macri pidió: "Nunca más a la división entre los argentinos". Facebook La Nacion em 17/02/2017)

Desta forma, tanto a problemática da memória, como do esquecimento retorna à cena pública em um novo jogo de disposição de papéis, quando esses leitores/internautas são chamados a discutir a presença do seu passado no presente. Como destaca Ricoeur “é nesse plano que se pode mais legitimamente falar em abusos de memória, que são também abusos de esquecimento” (Ricoeur, 2007). Há ainda, pensando a partir das questões projetadas pelo autor uma relação quase patológica nessa relação com a memória em ambos os países.

HISTÓRIA E CULTURAS

Se no Brasil parece não ter havido o tempo necessário da perlaboração, conceito que Ricoeur toma emprestado de Freud para advertir sobre os necessários trabalhos da memória, de sua elaboração para qualquer sujeito ou sociedade, sobretudo, quando nos referimos a acontecimentos traumáticos; na Argentina parece ocorrer o inverso. As contínuas repetições e o excesso deixam aquele país em um estado de vigília contínuo que acaba por também projetar sobre o presente uma difícil superação. O dilema dessa lembrança continuamente presente marca um dilema para aquela sociedade posto que, há um paradoxo entre a necessidade de não esquecimento e o desejo de superação, sobre esse dilema, a escritora Argentina Beatriz Sarlo adverte:

Além de toda decisão pública ou privada, além da justiça e da reponsabilidade, há algo inabordável no passado. Só a patologia psicológica, intelectual ou moral é capaz de reprimi-lo; mas ele continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. (Sarlo, 2007, p. 09)

No Brasil, a euforia produzida em torno pela abertura; a assinatura da lei a anistia e o movimento das Diretas eclipsaram durante longos anos os debates sobre a memória do período na cena pública do país. O que talvez explique em parte a dificuldade do brasileiro em lidar com o conceito de memória no cotidiano.

A força da ideia de anistia “geral e irrestrita” teve como uma de suas principais chaves de formulação o consentimento para o esquecimento “total”. Não por acaso, por ocasião da apresentação dos resultados da Comissão Nacional da Verdade em 2014, constatou-se uma grande resistência no enfrentamento das questões sobre a culpabilidade ou a criminalização de torturas, prisões ilegais e desaparecidos políticos o que expõe o caráter comandado desse esquecimento, além do que, percebeu-se a pouca visibilidade dada ao trabalho na grande mídia, a exceção daqueles casos que as interessava mais diretamente. Já a repercussão sobre a CNV nas redes sociais foi majoritariamente negativa havendo pouco compreensão por parte dos internautas de seu papel. Muitos acabaram por achar que o trabalho foi meramente revanchista, ou que não apurou o “outro” lado da questão, como podemos perceber na fala de alguns internautas:

Cleber Silva - Comissão Nacional da Verdade, na verdade não serve de nada, pq as pessoas que mataram, sequestraram, torturaram os senhores militares nada acontece com eles, pra que essa palhaçada? País medilcre

HISTÓRIA E CULTURAS

Julio Gomes O maior erro dos militares foi não ter eliminado todos esses vagabos que assaltaram o Brasil, e estão delapidando-o!

Renato Tamaio - Povo Brasileiro....!! Em 1964 o Presidente simpatizante de comunista João Goulart foi deposto por Militares à pedido do POVO foi o povo que pediu a INTERVENÇÃO para afastar o comunismo que ameaçava o Brasil. Essa comissão da mentira é uma afronta AIS Militares e seu único propósito e desqualificar e desmoralizar as instituições Militares para que eles tenham o caminho livre para finalmente implantarem o comunismo no Brasil. (COMENTÁRIOS Facebook FSP - sobre a matéria: Planalto espera reação de militares ao relatório final da Comissão da Verdade, em 10/12/2014)

31

Na Argentina assistimos a um transbordamento de narrativas e solicitações à memória que se misturam às rivalidades política locais:

Yo vivi la Dictadura y me negué a ayudar a mi nieto con una redacción acerca del día de la "memoria"...selectiva. ..digo yo...porque hubo muertos de ambos lados...y si yo hubiese sido madre de un ciudadano común y transeúnte, muerto por acción directa o indirecta del terrorismo, seguramente mi memoria no sería rememorada el día de hoy. Hoy no es día de la memoria sino el día de los asesinos montoneros. Felicito a Martiniano. Cuando conmemoren que lo hagan por todos los caidos y no por los delincuentes. (LA NACION, Facebook – “El traspie de Martiniano Molina, el intendente de Quilmes a 40 años del último golpe. Confundió al Pozo de Quilmes con un problema de bacheo” Comentario – M. E. Solá., 24 de março de 2016)⁴

A fala da internauta, uma avó argentina, é uma imagem dissonante quando pensamos nas representações daquelas Abuelas de Plaza de Mayo que ficaram eternizadas com seus lenços brancos em sua luta reivindicatória sobre o paradeiro de netas e netos desaparecidas na última ditadura Argentina. Para Solá o dia da memória⁵ é um dia de uma lembrança seletiva, posto que, em sua avaliação, há somente um lado da história que a ser lembrado. Solá se recente pelo esquecimento dos mortos atribuídos às ações dos montoneros, para ela, nunca lembrados na construção da memória nacional.

⁴Neste artigo serão utilizados alguns depoimentos e comentários de internautas retirados do Facebook nas páginas dos jornais Folha de São Paulo e La Nacion. Optei por colocar apenas o sobrenome dos internautas, todavia, em cada citação menciono o post ao qual se refere o comentário. Esta não é uma pesquisa fácil, uma vez que algumas vezes, são centenas de comentários em cada matéria, sendo necessário quase sempre, abrir vários para localizar um mais significativo.

⁵O Día Nacional de la Memoria por la Verdad y la Justicia foi criado oficialmente na Argentina em 2 de agosto de 2002 para lembrar as vítimas da ditadura militar naquele país

HISTÓRIA E CULTURAS

Ao reivindicar uma outra memória, a internauta expõe as tensões profundas de uma sociedade que também opera com rancores e ódios na construção e adequação de suas lembranças e as demandas políticas sobre o passado, não por acaso, a negação se apresenta em seu texto como referente forte de significação: “me negué a ayudar a mi nieto con una redacción acerca del día de la "memoria" ou “Hoy no es día de la memoria sino el día de los asesinos montoneros”, desta forma, a revanche e a espera por uma outra memória aparecem de forma significativa em sua fala.

32

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para compreender as mudanças na apropriação do passado nesses países, optou-se pela análise de episódios emblemáticos de suas histórias recentes, no caso os regimes ditatoriais, sobretudo, nessa última década, quando nos deparamos com a consolidação das redes sociais como mecanismos de comunicação altamente capilarizados entre a sociedade.

Guardadas as devidas distinções, no Brasil e na Argentina os debates sobre as mudanças políticas ganharam destaque em veículos de comunicação que assumiram um papel decisivo na dinamização dessas discussões e trouxeram para cena pública temas pujantes sobre o passado. Em ambos, os usos de redes sociais tiveram um papel marcante nos rumos políticos dessas nações e foram acionadas de uma forma que modificou totalmente seus paradigmas eleitorais.

De la misma forma en que las empresas compran información para saber el comportamiento de sus usuarios y crear mejores estrategias de venta, la política ha desarrollado un mercado de propaganda política, desde la masificación de líderes políticos en redes sociales, hasta ejércitos de perfiles anónimos denominados “trolls” que logran imponer tendencias en redes. (Daz, 2018, p. 02)

A profusão de notícias falsas, como também, a criação de mecanismos de manipulação bastante sofisticados, acabaram por influenciar de maneira decisiva não apenas os rumos eleitorais, mas teve efeito em cascata e atingiu as apropriações e interpretações sobre elementos da informação, conhecimento, artefatos culturais e morais.

No tempo em que os objetos midiáticos se tornaram elementos constitutivos das ações humanas mais corriqueiras, vivemos o tempo de uma hipercomunicação que

HISTÓRIA E CULTURAS

desterritorializa sujeitos e conceitos. Esse novo rearranjo de identidades e grupos sociais tem reeditado paradigmas morais conservadores, anunciando um retorno à matrizes identitárias quase primárias como as repetidas solicitações de defesa da família, da sexualidade padronizada pela heteronormatividade e o espectro religioso como modelo de comportamento. O conflito tem se aprofundado nos últimos anos quando constatamos que sequer os registros históricos são considerados como artefatos válidos para as leituras sobre esse passado, tal aspecto ficou latente numa fala do então presidente da república, Jair Bolsonaro, notório negador da Ditadura, ao afirmar que: “a questão de 1964, não existem documentos se matou, não matou, isso aí é balela”⁶.

Não há como negar, que a ampliação do consumo de tecnologias de armazenamento e produção de conteúdos resignificaram as maneiras pelas quais os registros sobre os processos humanos passaram a se realizar. Além da ampliação desses recursos, que colocou nas mãos das pessoas comuns, em um único aparelho, a possibilidade gigantesca de produção e armazenamento de informação, a exemplo dos celulares multifuncionais, temos ainda a expansão da Internet como canal de convergência midiática extremamente complexa.

Deste modo, elementos têm resvalado nas apropriações da história de forma muito significativa, principalmente, ao nos depararmos com a arena altamente polarizada em vários países. Nesse sentido, as leituras dos acontecimentos históricos entraram no rol das grandes disputas simbólicas e políticas da contemporaneidade.

Fica também perceptível nas falas que os rancores e os desejos de vingança fazem parte do leque de sensibilidades que gravitam em torno desses debates em ambos os países, de tal maneira, que refletir sobre seus desdobramentos, numa dimensão histórica, não se constitui tarefa fácil, especialmente, porque que iremos nos deparar com relações “entre os afetos e o político, entre os sujeitos individuais em sua afetividade e as práticas sociais e políticas” (Ansart, 2004, p. 15).

Ao falarmos de revanchismos, ou mesmo, acertos de contas, somos levados a pensar antes, nos acontecimentos desencadeadores desses sentimentos, especialmente aqueles que deflagram rancores ou dissensos no cotidiano. Tal questionamento, nos leva a pensar no sentido

⁶Veja: Para Bolsonaro, registros oficiais sobre mortos na ditadura são ‘balela’ no endereço: <https://veja.abril.com.br/videos/giro-veja/giro-veja-para-bolsonaro-registros-oficiais-sobre-mortos-na-ditadura-sao-balela/>

HISTÓRIA E CULTURAS

de outras situações sob as quais, a derrota, ou ainda a sensação de injustiça quanto ao passado se apresenta de forma intensa no presente.

Inegavelmente, há uma predominância de uma audiência conservadora que acessa o conteúdo desses periódicos, mas ela não é única e os espaços para comentários em redes sociais e no próprio painel de leitores dos jornais funcionam como lugares de luta e tensão de ideias que nem os próprios jornais tem controle. Para lembrar as questões colocadas por Certeau (1998) a leitura é sempre intercambiante, vadia, caminha e constrói caminhos próprios no texto. Todavia, a partir da leitura atenta dos jornais e das falas dos leitores, podemos encontrar linhas discursivas que foram também estruturadas por essa produção e que permanecem de forma subterrâneas orientando posturas políticas e formas de leitura sobre o passado.

Em ambos os casos, as apropriações ou silenciamento sobre esses acontecimentos trouxeram consequências para suas histórias recentes. Nesse sentido, constata-se a íntima ligação entre a construção memorial desses eventos e a formulação de identidades individuais e coletivas vinculadas a eles. Assim, é preciso problematizarmos essas experiências na própria historicidade de suas formulações, estratos de tempo, que segundo Koselleck só conseguiremos nos apropriar lançando sobre elas questões a fim de tentar significá-las entre suas permanências e mudanças.

BIBLIOGRAFIA

AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber; VALIM, Patrícia. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, n° 87, p. 13-36, maio/ago. 2021.

AVAAZ. O Brasil está sofrendo uma infodemia de Covid-19. *Avaaz.org*. 4 maio 2020. Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/. Acesso em: 15 abr. 2022.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. *Argumentum*, Vitória, v. 13, n. 2, p. 64-82, maio/ago. 2021. ISSN 2176-9575.

CARVALHO, Olavo de. A História oficial de 1964. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1999. Opinião, p. 7. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-historia-oficial-de-1964/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

CARVALHO, Olavo de. Católicas, uma ova! *Época*, Rio de Janeiro, 24 nov. 2001. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/catolicas-uma-ova/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

CARVALHO, Olavo de. Descrédito da mídia. O Globo, Rio de Janeiro, 30 abr. 2005b. Opinião, p. 7. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/descredito-da-midia/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

CARVALHO, Olavo de. Escolha o adjetivo. O Globo, Rio de Janeiro, 9 abr. 2005a. Opinião, p. 7. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/escolha-o-adjetivo/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venancio Majer. 21ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAPIEVE, Arthur. Coisas que nunca existiram: Obama lá, Obama cá, Obama em todo lugar. O Globo, Rio de Janeiro, 14 nov. 2008. Segundo caderno, p. 6.

DELGADO, Lucilia de Almeida N.; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

G.LAB PARA ROCK IN RIO ACADEMY BY HSM. FoMO: o 'medo de ficar de fora' é a expressão que o mercado de eventos mais gosta. Época, 23 ago. 2017. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Publicidade/Rock-in-Rio/noticia/2017/08/fomo-o-medo-de-ficar-de-fora-e-expressao-que-o-mercado-de-eventos-mais-gosta.html>. Acesso em: 23 abr. 2022.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LOVELUCK, Benjamin. Redes, liberdade e controle: uma genealogia política da internet. Petrópolis: Vozes, 2018.

MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. Revista História Hoje, v. 8, n. 15, p. 66-88, 2019.

_____. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, nº 87, p. 61-87, maio/ago. 2021.

NETO, Odilon Caldeira. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. Antíteses, v. 2, n. 4, p. 1097-1123 jul./dez. de 2009.

OLIVEIRA, Ingrid. Em um ano, denúncias de neonazismo na Internet cresceram 60,7%, diz Safernet. CNN Brasil. 08 fev. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/em-um-ano-denuncias-de-neonazismo-na-internet-cresceram-607-diz-safernet/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROUSSO, Henri. Les racines du négationnisme en France. Presses Universitaires de France, v. 4, n. 36, p. 51-62, 2008. ISSN 1299-5495. ISBN 9782130568650. DOI 10.3917/cite.036.0051. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cites-2008-4-page-51.htm>. Acesso em: 23 abr. 2022.

SOUSA, Diego. 62% dos brasileiros não sabem reconhecer fake news, diz pesquisa. Canaltech. 13 fev. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/seguranca/brasileiros-nao-sabem-reconhecer-fake-news-diz-pesquisa-160415/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

HISTÓRIA E CULTURAS

UENF, Ascom. 'Informação salva vidas; fake news podem matar'. UENF.br. 9 mar. 2021. Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/informacao-salva-vidas-fake-news-podem-matar/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

VECCHI, Roberto. As Cinzas de Gramsci no deserto de Bolsonaro. In In: KLEN, Bruna S.; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdeci Lopes de (org.). Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro. Vitória: Editora Milfontes, 2020. p. 81-97

VIDAL-NAQUET, Pierre. Os assassinos da memória. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas - SP: Papyrus, 1988.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set./dez. 2014.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentíssimo e experiências do tempo. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2006.

_____ Estratos do tempo – Estudos sobre história. Rio de Janeiro, ED.PUC-Rio. 2014.

SANTHIAGO, Ricardo. ***Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil*** in Mauad, Ana Maria, Almeida, Juniele Rabelo e Santhiago, Ricardo (ORGS). História Pública no Brasil – sentidos e itinerário. São Paulo, Letra e Voz, 2016.